

@kwẽ-Xerente: da história das tecnologias nas aldeias à indigenização da modernidade

Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior¹

Mestre em Comunicação e Sociedade/Universidade Federal do Tocantins

elviojornalista@gmail.com

Resumo

O povo Akwẽ-Xerente, habitantes do cerrado brasileiro, se vê, desde a década de 60, diante de um novo cenário, o das tecnologias. No entanto, a escassez de documentação sobre a historicidade desse processo tecnológico nas aldeias culminou neste presente artigo. Para tanto, utilizou-se o método etnográfico para melhor compreensão do corpus, que busca ainda relatar com a colaboração de anciões, caciques e moradores das aldeias Salto e Porteira a apropriação das tecnologias de comunicação e informação e presença destes no ciberespaço, além de uma breve discussão sobre a “indigenização da modernidade”. Contudo, os Akwẽ, ao se apropriarem desses processos tecnológicos e ao se fazerem presentes no universo digital, ressignificam as suas tradições, paralelo à manutenção de seus elementos culturais próprios.

Palavras-chave: Akwẽ-Xerente; tecnologias; história; ressignificação.

Abstract

The Akwẽ-Xerente people, inhabitants of the Brazilian cerrado, have seen themselves, since the 1960s, faced with a new scenario, that of technologies. However, the lack of documentation on the historicity of this technological process in the villages culminated in this article. For this purpose, we used the ethnographic method to better understand

¹ Pertence à comunidade Pankararu do Tocantins.

the corpus, which also seeks to report, with the collaboration of elders, chiefs and residents of Salto and Porteira villages, the appropriation of communication and information technologies and their presence in cyberspace, besides a brief discussion on the “indigenization of modernity”. Yet, the Akwẽ, when appropriating these technological processes and being present in the digital universe, resignify their traditions, parallel to the maintenance of their own cultural elements.

Keywords: Akwẽ-Xerente; technology; history; resignification.

Introdução

Era julho de 2017. Lá estava eu nas estradas de Tocantínia-TO, com destino às aldeias Salto-Kripré e Porteira-Nrozawi, do povo indígena Akwẽ²-Xerente, cerca de 70 km de Palmas, capital tocantinense. Avistava os buritizeiros, palmeiras típicas do cerrado, que já estavam carregadas com seus frutos de tonalidades marrom e alaranjada, as quais nascem em torno dos córregos locais ou ainda à beira do Tocantins e Sono, principais rios da região.

As duas aldeias, como base principal dessa pesquisa, fazem parte das 69 aldeias³ do povo indígena Akwẽ-Xerente, que juntas somam uma população aproximada de 4 mil indígenas, e que “(...) junto com os Xavante e Xakriabá, são classificados como Jê Centrais” (Schroeder 2010: 67). Além deles, no território do estado do Tocantins vivem os Karajá, Javaé, Karajá/Xambioá, Krahô, Apinajé e Krahô/Kanela, formando os povos indígenas⁴ do estado do Tocantins, além dos Pankararu, Avá-Canoeiro e Kanela do Tocantins, sendo estes últimos originários de outros estados brasileiros, mas que vivem, há vários anos, nas terras tocantinenses – alguns destes ainda lutam pela demarcação territorial.

Desde 2012, quando tive meu primeiro contato com os Akwẽ-Xerente e comecei a estudar suas narrativas históricas, o que me intrigava era a ausência de fatos e relatos sobre o processo tecnológico e comunicacional dos Akwẽ, visto que não eram mencionados ou aprofundados em livros, artigos, dissertações ou teses, apesar de ter um espaço temporal significativo. Busco neste artigo reconstruir, por meio do método etnográfico⁵, oriundo do campo da antropologia, essa historicidade após ouvir estes

2 Significa pessoa, individuo ou gente. Xerente é o nome que não indígenas deram para diferencia-los dos Xavante e Xakriabá, classificados como Jê Centrais (Schroeder 2010: 67).

3 Os dados são do Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins (DSEI-TO), de setembro de 2017. Há nas terras Xerente e Funil 3539 pessoas.

4 No Tocantins, segundo os dados do IBGE de 2010, são 14.118 indígenas, divididos em 14 terras indígenas demarcadas, num total de 2.597.578,00 hectares.

5 “(...) é a compreensão do ponto de vista do outro, sua relação com a vida, bem como a sua visão do mundo” (Malinowski 1976: 36).

nativos indígenas. Assim, utilizo técnicas de entrevistas “centradas no contexto” (Flick 1995), ou seja, questionamentos construídos a partir da vivência – que aconteceu entre julho de 2017 e maio de 2018, em duas aldeias, sendo elas Salto e Porteira.

Descrevo, neste artigo, a história das tecnologias presentes nas comunidades do povo Akwê, desde o surgimento da eletricidade até os meios comunicacionais e tecnológicos, a partir de relatos de anciões, caciques e outros membros dessa comunidade, além de relatos de não indígenas que vivenciaram essa história e também de algumas poucas pesquisas encontradas por meio de revisão bibliográfica.

Diante disso, com as mudanças provocadas pelo tempo e pelos processos de modernização social, os povos indígenas, através das tecnologias de comunicação e informação, especialmente por meio da internet, adaptaram os elementos centrais do mundo moderno para o seu próprio modo de viver, o que Sahlins (1997) chamou de “indigenização da modernidade”. E, aqui, defendo ainda o processo de ressignificação das tradições culturais indígenas no ciberespaço.

Os guardiões da memória Akwê diante das tecnologias



Figura 1: Casa do ancião Valdeciano Xerente na aldeia Salto.
Fonte: Elvio Marques (2017).

Das inúmeras visitas que fiz e histórias que ouvi, fatos iam sendo contados e as “peças” de um verdadeiro “quebra-cabeça” iam surgindo. Instigava e as respostas iam

aparecendo.

Historicamente, os primeiros contatos dos Akwẽ-Xerente com a população não indígena datam do século XVIII. Ao se intensificarem as bandeiras em busca de jazidas de ouro na região do Tocantins e do Araguaia, surgem “as primeiras referências documentais acerca dos grupos Xerente e Xavante” (Schroeder 2010: 68). Curt Nimuendajú foi um dos primeiros estudiosos que descreveu consistentemente os povos Xerente no século XX e os chamou de “*akwe kutabi*” (1929 apud Schroeder 2010: 69), “expressão que usam atualmente para enfatizar que alguém é Xerente puro ou verdadeiro”.

Do século XVIII ao século XX, os conflitos e imposições, principalmente de posseiros e fazendeiros, foram evidentes nas terras indígenas Akwẽ (Mesquita 2009), além de colonizadores e missionários da Igreja Católica, que, tendo outros objetivos, como aldeamentos e uma busca constante para tentar catequiza-los para outras religiões, especialmente o cristianismo (Schroeder 2010), também adentraram onde habitavam os Akwẽ-Xerente. Por outro lado, devido às imposições da sociedade envolvente, os Xavante foram mais resistentes e se recusaram a ter outras relações, distanciando-se dos demais. Dessa forma, ficaram na região onde hoje é Tocantínia apenas os Akwẽ-Xerente. Como me contaram os anciões Valdeciano Xerente (aldeia Salto) e Sonzé Xerente (aldeia Porteira), sem o sorriso que costumavam estampar no rosto:

Teve briga com os fazendeiros, eles tinham armas, balas, teve Xerente que morreu... lembro de dois Xerente que foram muito massacrados. Tudo porque queriam terra de Xerente... criar gado... e a gente só queria nossa terra... nosso lugar... que é nosso (Valdeciano Kasumã Xerente 2017).

Os Xavante não aceitavam o contato com o homem branco e ainda brigavam com a gente... e aí foram embora daqui... foram lá pras terras de Goiás... ficou só os Xerente aqui. E o Xakriabá foi se acabando e outros foram se embora... Aí tinha Xerente aqui desse lado [direito] do rio Tocantins, aqui em Tocantínia, e também do outro lado do rio [esquerdo], onde é Miracema e Miranorte (Sonzé Xerente 2017).

Outro fato histórico e importante a se destacar é que, em 1958, quando viviam situações de calamidade, os Akwẽ-Xerente passaram a conviver com novos missionários religiosos, desta vez, evangelizadores da Igreja Batista. Os anciões, ambos debaixo de uma mangueira, me levaram a diversos fatos.

Eu era jovem... já fui jovem igual tu (risos)... e aí o pastor que veio pra cá... é o tal do Guenther... que tem uma casa aqui na Porteira... que veio nos

ensinar português... chegou com uma máquina... aquelas de tirar foto... fez umas fotos nossas... aí depois que veio a energia, televisão, geladeira... essas coisas movidas a tecnologias. Foi a primeira vez que vi um negócio de tecnologia... (Sonzé Xerente 2017).

Aqui num tinha era nada dessas coisas de energia... de tecnologia... era tudo escuro e aí começaram a trazer umas coisas diferente pra gente conhecer... tinha até umas máquinas que fizeram umas fotos nossas... principalmente os pastores, padres também... todo mundo ficou surpreso, mas foi bom... guardou nossa história (Valdeciano Kasumã Xerente 2017).

Na necessidade de compreender essa narrativa histórica, dei uma pausa no trabalho de campo nas aldeias Salto e Porteira, peguei a primeira balsa e atravessei o Rio Tocantins, de Tocantínia com destino a Miracema do Tocantins⁶. Numa rua da pacata cidade fica a residência principal do Pastor Guenther Carlos Krieger⁷, 79 anos, que foi o primeiro missionário da Igreja Batista a morar com os Xerente. Nesse encontro, ele me contou como foi este momento e as impressões que teve. Esse fato se passou, segundo ele, na década de 1960.

Peguei emprestada uma máquina fotográfica... isso foi em 1960, por aí... de um amigo missionário... das muitas coisas que pegávamos emprestadas uns dos outros. Isso porque por aqui era tudo muito difícil de conseguir e ter, principalmente naquela época... estávamos bem isolados. E nesse dia que consegui a máquina, sai fotografando os Xerente que ali estavam... era uns 450... que viviam junto com a gente. Diferente do que muitos costumam achar, eles não tiveram aquele espanto, viram como mais um objeto que estávamos apresentando a eles... todo dia era uma novidade que trazíamos... então já está sendo normal... desde que chegaram os não índios por aqui, eles começaram a ter acesso a muitas coisas... como as tecnologias que foram surgindo. Nesse dia da máquina, eles gostaram... até pousaram para as fotos e tudo (risos). Registramos, guardamos... porque precisávamos mostrar eles pra outras pessoas, pros missionários... pro mundo (Guenther Carlos Krieger 2017).

Além dos relatos anteriores, as pesquisas do Projeto Harvard Brasil Central

6 Miracema do Tocantins também foi habitada pelos Akwẽ-Xerente. Foi emancipada como município em 1948. Já em 1989, após a criação do estado do Tocantins, foi escolhida como capital provisória até o surgimento de Palmas. O que divide Tocantínia de Miracema é apenas o Rio Tocantins, o percurso precisa ser feito por meio de “voadeiras” ou pela “balsa”, que funcionam diariamente. Muitos Xerente utilizam a cidade para estudos, trabalhos e compras de mantimentos. Atualmente, há ainda um percentual de Akwẽ residindo no centro da cidade.

7 O pastor Guenther Carlos tem também uma residência na aldeia Porteira, onde realiza até hoje cultos religiosos.

– PHBC (Melo 2016), realizadas nas décadas de 60 e 70, mencionaram os Akwê⁸ diante das tecnologias. Após esse primeiro contato, outros aparatos tecnológicos foram sendo introduzidos aos poucos nos territórios dessa população indígena, claro que com a interferência rotineira da sociedade envolvente. Milhomem (2011) revela que é a partir da década de 1989, quando há um processo rápido de cisão entre as aldeias na narrativa histórica Akwê, principalmente após a demarcação da Área Indígena Xerente, que novas mudanças surgiram para esses indígenas, o que ocasionou, coincidentemente, a inclusão das tecnologias nas aldeias.

Concomitante a análise etnográfica da Estrutura Social dos Xerente, põe-se em questionamento *as transformações ocorridas*, nas últimas décadas, na organização social e política dessa comunidade em virtude da história do contato com o não índio. (...) Dentre outras *mudanças na organização social e cultural dos Xerente*, destaca-se o rápido e intenso processo de *transformação* das unidades habitacionais, tanto no âmbito da forma quanto da *tecnologia*, valorizando assim, os elementos da sociedade nacional (Milhomem 2011: 110, grifo nosso).

Dessa forma, após os anos 90, novos aparatos tecnológicos são introduzidos de forma efetiva no cotidiano do povo Akwê, tais como o rádio e a televisão, ambos movidos a baterias ou pilhas, visto que na época ainda não existia a eletricidade nas aldeias. As lembranças do final dos anos 90, com a primeira TV e rádio na aldeia Porteira, foram contadas pelo jovem cacique Tiago Xerente, na porta de sua casa, com uma nítida nostalgia de suas lembranças.

Nunca vou me esquecer (risos e uma pausa prolongada). Era copa do mundo de 1998, e todo mundo se reuniu na casa de um vizinho que tinha ganhado uma TV preto e branco... pequena... era movida a bateria e tinha uma anteninha... ele ganhou do pessoal da Funai na época. Aí todo mundo da aldeia se reunia lá pra assistir novela e tudo... eu era menino (risos)... E tinha já também os rádios a pilha, bateria (Tiago Xerente 2018).

Reconstruindo essa narrativa histórica, Claudio Paixão e Adriana Nilo (2013), ao realizarem uma pesquisa⁹ sobre a televisão na aldeia Porteira (Xerente), confirmam o fato e a

8 É importante aqui citar a afirmativa de Melo (2016: 67): "(...) O movimento akwê em direção à escrita e às tecnologias não indígenas nos remete a um esforço no sentido de domesticar essas forças de modo a inverter a assimetria que se estabeleceu com os Brancos".

9 O artigo nomeado "A audiência televisiva entre os índios Xerente da aldeia Porteira" foi apresentado no 9º Seminário de Iniciação Científica da Universidade Federal do Tocantins – UFT, realizado de 26 a 29 de novembro de 2013, no campus de Palmas – TO.

presença do aparato e da mídia televisiva nessa aldeia.

A chegada da televisão na Aldeia Porteira, de acordo com os relatos dos moradores, remete ao início da segunda metade da *década de 90*, quando um aparelho de TV movido à bateria, com transmissões em preto e branco foi implantado na sede da FUNAI. Anos mais tarde outro aparelho foi implantado na casa de uma moradora. É importante destacar que nessa fase a televisão era assistida de forma coletiva em ambientes compartilhados por várias famílias (Paixão & Nilo 2013: 4).

A aldeia Salto também vivenciou esses trajetos históricos da tecnologia, como me contou o cacique Valci Xerente, o que, segundo ele, transformou a cotidiano da aldeia.

Tivemos dois momentos aqui na aldeia. Primeiro aquele momento que vivíamos apenas com a luz de lamparina ou com a luz da lua... tínhamos mais interação uns com os outros. Mas as coisas foram se transformando e vieram a TV e rádio de pilha...que é o começo do segundo momento. Assim, anos depois chega a energia...Daí quando isso aconteceu, dependíamos mais da energia do que da lua...demos mais atenção pra energia, pra tecnologia, luz elétrica...foi um impacto pra gente (Valci Xerente 2018).

Como explicitado, as transformações aconteciam, por hora, a passos lentos, mas com indícios de aparatos tecnológicos.

Do brilho da lua ao brilho da luz elétrica

O brilho da lua se perdeu com o brilho da energia. As tecnologias mexeram muito com o nosso dia a dia. Agora temos que conciliar o uso das tecnologias com a nossa cultura. Não há problema em usá-las, o índio também pode. Temos capacidade. Mas tem que saber lidar com ela para o nosso bem, para ajudar a preservar nossa história, nossas tradições (Valci Xerente 2018).

Na escuridão de um cerrado tocantinense, iluminados apenas com a luz da lua e de velhas lamparinas, as aldeias recebiam os primeiros sinais da eletricidade. Eram os últimos anos do século XX. Os relatos de vários Akwẽ e, ainda, do Pastor Guenther Carlos, confirmam o início de uma nova era para essas comunidades indígenas.

Um dia os brancos "veio" aqui na nossa terra Xerente e falaram que iam começar a instalar esses postes aí... pra começar a colocar energia. No começo era só na lamparina, fazíamos fogueira... e assim ia... depois esses postes ficaram aí... aí depois tudo mudou, veio a energia (Sonzé Xerente 2017).

Lembro que a primeira vez que chegou a energia nas aldeias foi com a construção de uma pequena hidrelétrica... bem pequena [Pequena Central Hidrelétrica – PCH Lajeadozinho] aqui por perto... que levava energia também para Miracema, mas pra isso teria que passar na área indígena... aí alguns indígenas do Funil fizeram um acordo para que a energia pudesse chegar também na comunidade... e aí veio um pouco de energia pra eles... isso na década de 90... mas era pouco... tudo só veio forte nos anos 2000 (Guenther Carlos 2017).

Então, nos anos 2000, sendo mais específico em 2003, por meio do programa do Governo Federal “Luz Para Todos”¹⁰, um cenário com energia elétrica passou a fazer parte da realidade daqueles que viviam nas zonas rurais, incluindo diversas populações indígenas brasileiras. O programa alavancou o cenário da eletricidade em todas as aldeias das Terras Indígenas Funil e Salto. Momento esse que está registrado na memória dos diversos indígenas com quem conversei nas aldeias pesquisadas. Introduziram, com isso, de uma simples lâmpada elétrica aos diversos aparatos tecnológicos em suas casas.

Foi assim... um dia vieram com toda a rede elétrica, foram implantando esses cabos de energia que hoje estão aí e assim chegou a energia... principalmente depois desse programa Luz Para Todos. Primeiro foi na aldeia Recanto, aqui perto... depois na Porteira e em seguida aqui na Salto e assim foi para todas as outras. E todo mundo ficou animado e saiu comprando todo tipo de tecnologia, era televisão, geladeira, som... e assim vai. Depois vieram as melhorias e tecnologias nas escolas, como o computador... tudo depois da chegada da energia (Valci Xerente 2018).

Foi depois de 2000, do nada... já tinha a rede elétrica montada... depois, em 2003, que disponibilizaram a energia e então começou a funcionar nas casas. Veio até um orelhão que tá aí até hoje. E ninguém mais quis ficar sem energia, todo mundo colocou nas casas. Aqui na Porteira foi uma das primeiras aldeias. Teve até a instalação desse orelhão aí... tá aí até hoje. Daí, vieram a geladeira, televisão, ventilador, ferro de passar, máquina

10 O programa Luz para Todos foi criado em 2003, pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Entre as populações beneficiadas estão os indígenas, os assentados rurais e os quilombolas. Aproximadamente 35 mil famílias indígenas receberam energia elétrica por meio do programa, segundo o Ministério de Minas e Energia. Fonte: <<http://www.brasildamudanca.com.br/luz-para-todos/populacoes-vulneraveis>>.

de lavar... aqui toda casa tem essas máquinas de lavar (risos)... porque não precisa ir mais pro rio lavar roupa (Tiago Xerente 2018).

Lembro muito de que a gente tinha que ir dormir cedo, não tínhamos lâmpada... aqui era tudo muito escuro...daí chegou a energia... ali depois de 2000... acho que modificou tudo aqui na Salto... Pra gente mesmo que estuda facilitou demais o nosso dia a dia (Manoel Moreno Xerente 2018)

Depois da energia ficou tudo mais fácil, tem água “dura” [gelo], não tem mais água quente... tem televisão... dá pra gente ver as novelas (risos)... a gente não fica no escuro a noite... se tiver quente bota um ventilador... é muito bom. Tem gente aí com máquina de costurar elétrica... rádio agora é na energia... e assim vai (Delsa Xerente 2017).

O mesmo que foi dito nas falas anteriores é reforçado e constatado no artigo de Anjos *et al.* (2010):

As casas têm aparelhos de rádio e televisão. No seu espaço coletivo, a aldeia dispõe também de um rádio amador anteriormente usado para a comunicação com as demais aldeias, o que indica a adesão a novas formas de comunicação, advindas da sociedade não índia, com a qual partilham, cada vez mais, hábitos e valores. (...) Os nativos ainda preservam a tradição oral através da narrativa com seus mitos e lendas, entretanto, dividem o tempo designado a esta e outras atividades com o usufruto dos meios de comunicação de massa (...). Na atual conjuntura o ato de assistir televisão é comum, de maneira que todos já tiveram ou têm contato com esse veículo (Anjos *et al.* 2010: 4-5).

Outra pesquisa, já citada, no mesmo contexto da aldeia Porteira, dos autores Paixão & Nilo (2013), enfatiza a intensificação do uso da televisão¹¹ entre os anos de 2012 e 2013. Segundo os autores, isso provocou mudanças socioculturais no cotidiano dos Akwê-Xerente. Entre os atos identificados, estão aqueles relacionados ao dia a dia, como assistir TV ao invés de produzir artesanatos ou cuidar da casa, crianças Akwê estariam deixando brincadeiras no quintal para ver a programação infantil da TV, conversas pautadas a partir da programação da TV, isto é, atos culturais passaram a dar lugar também às tecnologias de comunicação e informação:

11 Na pesquisa realizada pelos autores Paixão & Nilo (2013) foi identificado ainda que as televisões estavam conectadas por meio de antenas parabólicas. Assim, os Xerente não têm acesso à programação das emissoras locais e regionais.

O contato com os nativos na aldeia (...) nos levou a perceber que o processo de relação com a sociedade não índia tem ocasionado modificações estruturais e socioculturais no cotidiano da população local. (...) Entre os meios de comunicação mais utilizados na aldeia aparecem a televisão e a internet (...). Nos anos 2000 a partir da instalação da eletrificação da comunidade se intensificou a presença da TV na aldeia. Das 36 famílias entrevistadas apenas 02 (6%) não possuía um aparelho (Paixão & Nilo 2013: 3-4).

É perceptível que as poucas pesquisas existentes e aqui mencionadas sobre a presença da televisão nessas aldeias, em Tocantínia, apresentem um fator importante, de que as mudanças socioculturais foram intensificadas com ajuda dos aparatos tecnológicos. A pesquisa anterior mencionada reforça que, inicialmente, a televisão era assistida de forma coletiva, nos primeiros contatos com esse aparelho e mídia, provocando um verdadeiro laço social (Wolton 2004). Por outro lado, com o passar dos anos e ao fazer parte de um grande número de casas, a TV já era utilizada de forma individualizada ou apenas entre os membros de uma mesma casa. É o que constata também Anjos et al. (2010: 5): “Os nativos [Akwẽ] ainda preservam a tradição oral através da narrativa com seus mitos e lendas, entretanto, dividem o tempo designado a esta e outras atividades com o usufruto dos meios de comunicação de massa”.

Não apenas a televisão e o rádio, mas também as tecnologias digitais, como o computador, celular e, conseqüentemente, a internet, fizeram com que as aldeias tivessem um novo cenário.

Waikamase e Srêmtowe: o surgimento da internet e escolas conectadas

Figura 2: Sala de informática da Escola Estadual Indígena Srêmtowe, aldeia Porteira.
Fonte: Elvio Marques (2018).

Não se sabe exatamente quando foi o primeiro uso da internet por indígenas a nível nacional ou regional, isso devido às poucas pesquisas existentes e pela imensidão de populações indígenas pelo mundo. No Brasil, a pesquisa¹² de Eliete Pereira (2007) mostra os primeiros registros da participação indígena na Internet em 2001, como produtores de conteúdos e sendo, assim, protagonistas de suas próprias narrativas em sites¹³, blogs e portais, além das comunidades virtuais [atualmente conhecidas como redes sociais digitais] (Pereira 2007).

(...) de lá para cá estas formas de comunicação na rede se transformaram em blogs, comunidades virtuais e portal. Um movimento curvilíneo em que organizações e sujeitos indígenas apropriam-se das tecnologias digitais e das suas modalidades interativas lançando-se no universo ubíquo e polifônico do ciberespaço. Compondo assim, a imagem dos ciborgues¹⁴ indígenas, constituinte da simbiose entre softwares e

12 Apesar de existir uma escassez sobre a história das tecnologias nas aldeias do Brasil, a pesquisa de Pereira (2008) mostra que a presença indígena brasileira no ciberespaço se configura em 70,27% de sites; 27,02% de blogs e 2,70% de portal, além da presença destes nas comunidades virtuais, como o Orkut.

13 Ver a dissertação de mestrado de Leilane Leal Marinho (2016), nomeada “O Krahô na Rede e a Associação Centro Cultural Kàjre”, uma pesquisa sobre o site <kajre.yolasite.com>.

14 Ciborgue é aquela pessoa que possui uma relação íntima com as tecnologias, sendo assim seres híbridos (máquinas e homens). Ver Haraway, Kunzru & Tadeu (2009), Pereira (2007).

hardwares, conectados em rede, desterritorializados e atravessados por fluxos comunicativos (Pereira 2007: 55).

Até 2000, de acordo com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas¹⁵, foi identificada uma taxa de 3,72% de acesso digital das populações indígenas de um total de 12,46% da população brasileira que dispunha de acesso ao computador e 8,31% de Internet (Pereira 2008). Em 2012, uma pesquisa do Datafolha encomendada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e publicada pela revista *Veja*¹⁶, trouxe, entre outros dados, que 11% dos indígenas entrevistados possuíam acesso à internet. Por outro lado, 37% de toda a população brasileira não indígena já possuía esse acesso à mídia digital no período mencionado. Estes foram os únicos dados que identifiquei até o presente momento para este trabalho. Isto leva a compreender que são poucos os estudos sobre os indígenas na Internet¹⁷, ainda mais daqueles situados no Brasil.

Desde o surgimento a pouco mais de 10 anos de provedores de acesso à Internet no Brasil, a presença indígena na rede tornou-se significativa, não por sua expressão numérica, já que a inclusão digital desses povos não constitui uma política institucional estruturada, mas porque ela corresponde a uma nova forma de atuação nativa (Di Felice & Pereira [2004?]: 10).

De acordo com relatos de anciões e membros das comunidades Akwẽ aqui pesquisadas, a presença da internet foi perceptível com a chegada das tecnologias nas escolas, ainda nos anos 2000. Os primeiros computadores foram entregues pelo Governo do Estado do Tocantins, como me relata o diretor Davi Xerente, da Escola Estadual Indígena Waikamase.

Os primeiros computadores que chegaram nas aldeias foram depois de 2006... por aí, principalmente nas aldeias que tinham escolas... como aqui

15 O Centro utiliza os dados da amostra do Censo Demográfico 2000, levantados pelo IBGE. Ver Mapa da Exclusão Digital, 2003.

16 A edição da revista é de 14 de novembro de 2012. As informações foram publicadas por meio da reportagem "O que querem os índios". A Pesquisa DataFolha entrevistou 1222 moradores de 32 aldeias indígenas em todas as regiões do Brasil. Além do acesso à internet, os dados mostraram que 5% dos entrevistados sofriam com a falta de eletricidade nas aldeias.

17 Por outro lado, com o passar dos anos e com o fortalecimento do movimento indígena latino-americano nas últimas duas décadas do século XX, "começaria a luta pelo reconhecimento dos seus direitos como povos, tomando uma dimensão também continental e tendo como um de seus eixos centrais a luta pela autonomia" (Sánchez 2015: 217), utilizando também a internet.

na Salto, na Porteira, Recanto e outras. É porque na escola tem estrutura para que a comunidade pudesse fazer o uso. Mas, do que adiantava computador sem internet? Pedimos e logo veio essa internet aí de satélite e que está até hoje aí, para uso da escola e de quem precisar da comunidade (Davi Xerente 2017).

Nas minhas primeiras imersões nas aldeias Salto e Porteira, em julho de 2017, ficou nítido que as unidades escolares indígenas têm um importante papel na inclusão digital, visto que são as primeiras a garantirem o acesso tecnológico e ao ciberespaço. E por este motivo, passei a conhecer as 2 (duas) escolas indígenas Akwẽ, a Escola Estadual Indígena Waikamase, da aldeia Salto, e a Escola Estadual Indígena Srêmtowe, da aldeia Porteira, para chegar ao entendimento de que “tudo [tecnologias] começou na escola, ali que chegou primeiro o computador”, como me explicou o cacique Tiago Xerente.

Anjos *et al.* (2010) relataram que na primeira década dos anos 2000 os computadores com acesso à internet eram limitados para alguns membros e o uso de celulares ainda era ausente.

Os índios não utilizam a internet, nem mesmo o computador. Este contato é limitado aos alunos que frequentam a escola (que no momento da pesquisa de campo estava sem acesso à internet) ou a pessoas que tem outros vínculos institucionais (...). Quanto ao uso do aparelho celular, este não é comum dentro da aldeia. Através da observação, documentação e análise (...) percebemos que na aldeia Porteira, da etnia Xerente, os contextos interativos vivenciados pelos índios vêm se *transformando* (Anjos et al. 2010: 6 grifo nosso).

No segundo semestre de 2012¹⁸, outro momento histórico intensificou a presença de computadores e conseqüentemente de internet em diversas aldeias. O Programa Tocantins Conectado – um computador por aluno¹⁹, do Governo do Tocantins – entregou diversos computadores portáteis ou notebooks para diversas escolas públicas do estado, assim como para as unidades escolares indígenas. A escola indígena da aldeia Porteira foi

18 Neste mesmo período foi lançado o CD “Watô za inõkre (Eu vou cantar)”, no mês de dezembro, no Centro de Memória, mais conhecida como casa da Cultura Xerente, localizada na cidade de Tocantínia. O CD registra o canto de nominação das crianças, cantos de pajé e cantos de festa. Outro marco da presença tecnológica das aldeias (Paixão & Nilo 2013: 4).

19 A informação pode ser confirmada no site oficial da Secretária de Educação do Estado (Seduc), por meio do link <<http://secom.to.gov.br/noticia/61192/>>, ou ainda em reportagens da imprensa da mídia digital <<http://www.ocoletivo.com.br/noticia-5372-no-tocantins-governo-entrega-4-500-netbooks-para-auxiliar-alunos-no-processo-de-aprendizagem>>.

beneficiada. No entanto, a escola da aldeia Salto continua com os mesmos computadores da primeira década dos anos 2000.

Aqui na aldeia Porteira primeiro vieram os computadores, esses maiores, foi muito bom... era pros alunos e pra quem precisasse...os professores e qualquer pessoa da comunidade, era só pedir pro guarda que ele abria a sala...que por sinal estão até parado aí...estragado, ninguém vem arrumar...depois de alguns anos trouxeram os notebooks e eles estão aí sendo usados até hoje...tem aula de informática e tudo. Tivemos essa sorte. Outras aí não receberam (Tiago Xerente 2018).

O uso da internet na Escola Estadual Indígena Srêmtowe (aldeia Porteira) foi mencionado também na pesquisa de Paixão & Nilo (2013: 3- 4), sendo que a internet era acessada na escola “por 15 (42%) ou por 04 (11%) na UFT, em Miracema [das 36 famílias entrevistadas na aldeia Porteira]”. Aos poucos a internet foi sendo liberada para toda a comunidade através de uma rede conhecida como *wi-fi*. Como me afirma Tiago (2018), “A internet... a *wi-fi* é liberada para todos... é só ir lá pra escola que o povo usa... é um local bastante utilizado aqui na aldeia por todos”. Na aldeia Salto é possível também utilizar a rede *wi-fi* nas proximidades da escola.

Portanto, é perceptível que a escola tem um papel fundamental no processo de inclusão digital nas aldeias. Além de ser um espaço de ensino-aprendizagem, o ambiente educacional se configura ainda como um espaço de convívio social utilizado pelos Akwẽ, que proporciona atividades culturais e sociais propostas pela escola ou pela própria comunidade.

Podemos assim inferir que a atuação indígena na internet está amplamente associada ao acesso à educação, à aquisição da competência da escrita e da leitura, além do conhecimento técnico para o uso do computador e das suas ferramentas interativas. Com isso, a educação indígena nas aldeias e o acesso à educação superior, embora com muitas dificuldades de permanência, propiciam o incremento da experiência indígena na internet (Pereira 2008: 8).

Na Área Indígena Xerente, mesmo com todas as aldeias possuindo eletricidade, o uso da internet pelos Akwẽ ainda é restrito. As que possuem têm uma enorme colaboração das escolas. No interesse de saber sobre esse acesso à internet pelos Xerente, elaborei com ajuda dos caciques Tiago Xerente e Valci Xerente o Quadro 1, que menciona o acesso à internet nas aldeias das Terras Indígenas Xerente e Funil.

Aldeia	Velocidade do Sinal da Internet	Formas de acesso
Porteira-Nrozawi	Velocidade moderada	Na escola (wi-fi) e por meio de pacote de dados da operadora Vivo
Salto-Kripré	Velocidade boa	Na escola (wi-fi) e por meio de pacote de dados das operadoras Claro, Vivo e Oi.
Brupré	Velocidade ruim	Na escola (wi-fi)
Recanto	Velocidade moderada	Na escola (wi-fi)
Funil	Velocidade moderada	Na escola (wi-fi)
Rio Sono	Velocidade moderada	Na escola (wi-fi)
Riozinho	Velocidade moderada	Na escola (wi-fi)
Brejo Comprido	Velocidade moderada	Na escola (wi-fi)
Ktepo Xerente	Velocidade ruim	Por meio de pacote de dados das operadoras Claro, Vivo e Oi, em alguns pontos da aldeia.

Quadro 1: Aldeias²⁰ Akwẽ com acesso à internet.

Fonte: Produzido pelo autor com informações de Tiago Xerente, Valci Xerente e Srewe Xerente.

Como visto, das 69 aldeias existentes apenas 9 (nove) têm conexão com a internet nas escolas ou por meio de pacotes de dados de internet disponibilizados (com um custo) pelas operadoras de telefonia. Assim, há um baixo índice de aldeias Akwẽ-Xerente com acesso à internet e, além disso, a velocidade da internet oscila entre bom, ruim e moderado. Isso está relacionado a fatores como a ausência de redes de internet ou de escolas (com acesso digital), além de muitas aldeias estarem localizadas em um território distante dos centros urbanos de Tocantínia, Miracema, Lajeado e Pedro Afonso, por exemplo, onde a internet é mais acessível. Contudo, nessa constante utilização e apropriação²¹ de tecnologias de informação e comunicação, especialmente por meio das tecnologias digitais como o computador e o celular, os Akwẽ se viram imersos no universo do ciberespaço (Lévy 1999) ou da cibercultura²² (Lemos 1997).

20 Outras aldeias não foram mencionadas no Quadro 1, visto que não há acesso à internet segundo os caciques que colaboraram na produção deste Quadro.

21 “O que é enfatizado é um processo de partilha e apropriação em perspectivas multidirecionais. Uma perspectiva do contato que busca entender o que se designa por dimensões interativas e improvisadas dos encontros culturais” (Gonçalves 2010: 87).

22 Essas novas práticas, atitudes e valores no meio digital foram chamados de cibercultura e se desenvolveram juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy 1999), rodeado, portanto, por tecnologias, e aliado à sociedade e à cultura (Lemos 1997). “A cibercultura representa a cultura

Akwẽ conectados no ciberespaço: os dias atuais

Além do uso de computadores nas escolas, os Akwẽ, nos últimos seis anos (segunda década dos anos 2000), passaram por novas apropriações tecnológicas, entre elas os celulares. É notável nas aldeias, nas quais adentrei para pesquisa ou naquelas que visitei em outras ocasiões, que a maioria dos aparelhos celulares possuem acesso à internet, por meio de pacote de dados das operadoras, já citado no Quadro 1, e que são utilizados bem mais para uso da internet, e, conseqüentemente, das redes sociais digitais, do que para realizar ligações. É o que me conta Rairan Warde Xerente, 28 anos, da aldeia Salto:

O computador aqui na aldeia ficou algo só para uso na escola ou pra quem tem mais condição, o que é mais difícil. Quando surgiram os celulares aí com internet... aí ficou bem mais fácil, é mais barato... compra até parcelado (risos). Eu mesmo só no celular. Facilitou muito mais pra gente pra acessar informação, email, facebook e o zap (Rairan Warde Xerente 2018).

Os Akwẽ estariam passando de simples usuários da internet a protagonistas de suas narrativas, especialmente das redes sociais digitais²³, o que esta pesquisa vem a confirmar.

As redes sociais digitais são o resultado das interações entre indivíduos, tecnologias e fluxos informativos, e nelas ocorre a manifestação de uma sociedade planetária que se expressa em um espaço público desterritorializado, estabelecendo uma interconexão, interpessoal universal, sem mediação governamental, com liberdade de expressão de associação com base em parâmetros partilhados por todos (Torres 2008: 257).

Em 2007, na pesquisa de Pereira (2007), já mencionada, foram identificadas 07 comunidades no Orkut²⁴, moderadas por sujeitos que se autoidentificavam²⁵ como

contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna” (Lemos 2005: 2).

23 Os sites de redes sociais passaram a existir junto com o advento da internet, no final da década de 1990, tendo como pioneiro o site SixDegrees (Lemos & Lévy 2010). Anos mais tarde, se popularizou o Orkut e em seguida o Facebook, criado em 2004, no interior da Harvard University, idealizado por Mark Elliot Zuckerberg.

24 “Criada em janeiro de 2004 pelo engenheiro turco, Orkut Büyükkökte. O mesmo nome dado à ferramenta de relacionamentos, o Orkut é vinculado ao Google” (Pereira 2007: 61), mas deixou de funcionar em 2014.

25 Ao se identificarem como indígenas se apropriam da “autoidentificação”, que é umas das categorias

indígenas. Em uma outra pesquisa da mesma autora, Pereira (2013) reforça a notável presença dos nativos indígenas nesse novo cenário dos meios de comunicação e informação do Brasil, especialmente na Web 2.0.

A disseminação da Internet e a comunicação em rede provocaram, evidentemente, o aparecimento de um novo cenário, em que flexibilidade e conectividade reticular interativa instigam novas reflexões, principalmente nessa fase da rede identificada de Web 2.0, associada, principalmente, às arquiteturas informativo-colaborativas: Wikipédia e YouTube, e às redes sociais digitais (entre elas Orkut, Facebook, Twitter, etc.) (Pereira 2013: 40).

Há, atualmente, diversas outras redes sociais digitais também utilizadas por indígenas, como o Twitter, Instagram, YouTube, WhatsApp, Messenger, Skype, Snapchat e LinkedIn. Os Akwẽ, das aldeias Salto e Porteira, utilizam com frequência o Facebook e o WhatsApp, e ainda notei a presença tímida de alguns desses indígenas no Instagram, além de utilizarem o YouTube para visualização de vídeos. Eliene Hírêki Xerente, 26 anos, da aldeia Porteira, me reforça esta constatação, complementando que a internet disponibilizada pela escola por meio do *wi-fi* continua sendo a principal forma de acesso ao universo digital.

@kwẽ-Xerente: O ciberespaço e as ressignificações das tradições

Justamente diante desses novos contextos interativos²⁶ nas comunidades indígenas, como a Akwẽ, que Thompson (2008, apud Nilo 2010) chega à tese da nova ancoragem da tradição²⁷, isto é, ao fato das tradições não se limitarem mais aos contextos práticos da vida cotidiana; estão se expandindo, sendo renovadas, ressignificadas e “ancoradas” em novos contextos interativos que vão além dos limites das situações de origem. É o que Demarchi (2014: 30), em sua tese, reforça: “(...) pensar esses rituais contemporâneos implica em pensar as transformações contemporâneas dos coletivos indígenas em virtude da crescente interação com as sociedades nacionais”.

definidas por Barth (1976), e com isso apresentam novas fronteiras étnicas que os difere de outros grupos.

26 Os contextos interativos segundo Thompson (2008) são face a face; o mediado, que se estabelece através do uso de recursos técnicos; e o quase mediado, cuja interação ocorre de forma estendida no tempo e no espaço, com mediação dos meios de comunicação de massa.

27 Na concepção de Thompson (2008) pode ser entendida como o fenômeno no qual estas tradições “perdem uma raiz” fixada em um determinado lugar para surgirem e se “ancorarem” em diversos outros lugares, até certo ponto, indeterminados.

As conexões digitais estavam nas mãos, nos olhares e nas narrativas:

Eu tô sempre conectado, quando a internet acaba vou ali pra escola e uso por lá. Uso muito para divulgar meus artesanatos e nossa cultura. Vendo muito mais artesanato quando posto no Facebook. Mas, também posto fotos pessoais, da minha filha, minha esposa... e assim vai... não dá mais pra viver sem essas tecnologias, aqui muita gente tem é televisão, é celular...todo mundo gosta de usar a internet (Tiago Xerente 2018).

É notório que os Akwẽ-Xerente passaram a conviver com um novo contexto social e cultural, o acesso às tecnologias, especialmente aquelas de comunicação, entre elas a internet, graças ao processo de “indigenização da modernidade” (Sahlins 1997), que é justamente a maneira como os povos indígenas vêm se elaborando culturalmente e incorporando o sistema mundial ao seu próprio sistema de mundo, isto é, indigenizam a modernidade, adaptam os processos do sistema moderno às suas realidades, e não o contrário.

A modernização, com efeito, não tem sido a única alternativa, sequer na cidade. O efeito inverso, a indigenização da modernidade, é no mínimo tão acentuado quanto o primeiro — na cidade como no campo. Na complexa dialética da circulação cultural entre a terra natal e os lares alhures, *as práticas e relações tradicionais ganham novas funções e talvez novas formas situacionais* (Sahlins 1997: 114, grifo nosso).

Prova de que os Akwẽ vêm incorporando o sistema mundial ao seu próprio sistema de mundo são aquelas publicações em que reforçam seus elementos culturais próprios quando utilizam a língua nativa, além de fotos e vídeos sobre rituais. O que reforça os “processos de diferenciação” (Gonçalves 2010: 98) de seus elementos próprios para outros elementos socioculturais, a apropriação das tecnologias e a adaptação do universo digital ao seu universo Xerente, isto é, a “indigenização da modernidade”.

As novas práticas ou novas formas situacionais são apresentadas a seguir:

Elementos ou práticas culturais Akwẽ	Práticas tecnológicas inseridas na realidade Akwẽ (após as tecnologias)
Conhecimentos repassados de Akwẽ para Akwẽ	<p>Conhecimentos de suas tradições continuam sendo repassados de geração em geração, de um Akwẽ para outro. Mas agora são também compartilhados e, por isso, podem ser apreendidos nos canais digitais, como na internet.</p> <p>As tecnologias são usadas ainda para registrar ou como forma de guardar esses conhecimentos. Nas escolas, são utilizados computadores para acesso à informação, pesquisas e busca de conhecimento. Além disto, professores usam vídeos ou imagens digitais para exemplificar ou aprofundar suas aulas.</p>
Produção de artesanato	<p>Produção de artesanato continua a existir. Paralelo a produção assistem TV ou acessam a internet, via celular.</p> <p>Tiram fotos ou fazem vídeos e divulgam nas redes sociais digitais. Neste ponto, utilizam ainda as redes sociais como canal de venda dos seus produtos.</p>
Brincadeiras no quintal	<p>As brincadeiras no quintal permanecem. Outras brincadeiras foram inseridas como assistir desenho animado ou brincar em frente à TV. Além das brincadeiras tecnológicas, como jogos digitais.</p>
Comunicação face a face	<p>A comunicação face a face permanece. E foi inserida na comunicação interna os meios tecnológicos, como os celulares e as redes sociais digitais. As conversas começam ou finalizam também no ambiente digital. O que facilitou ainda a comunicação externa.</p> <p>Os avisos internos das aldeias pesquisadas são informados também via celular ou redes sociais digitais. Há ainda caixas de som com microfones durante eventos festivos ou escolares.</p>

Quadro 2: Elementos culturais Akwẽ antes e após a apropriação das tecnologias.

Fonte: Produzido pelo autor.

Entre os Akwẽ há novas circunstâncias, com a presença das tecnologias e do universo digital. Ao mesmo tempo, reforço que as brincadeiras no quintal, a produção de artesanatos, a lida da casa, o plantio de hortaliças, o caçar, a pintura corporal, a conversa através da língua akwẽ, a comida típica e outros permanecem de forma evidente, sendo agora potencializados pelas mídias sociais. Assim, as apropriações tecnológicas não substituíram hábitos destes povos, mas foram incluídas e são utilizadas de forma paralela. A

apropriação das tecnologias, a globalização e o capitalismo não destroem e homogêinizam as culturas, mas sim geram uma grande diversidade de novas formas culturais (Sahlins 1997). Pereira (2008: 304) ao se referir à internet pontua essa reformulação étnica: “(...) além de uma importante interface entre humanos e máquinas, tornou-se [a internet] um importante ambiente interétnico de (re)formulação étnica”.

As redes sociais digitais²⁸ criam interatividade e laços sociais de acordo com os interesses, valores e objetivos de cada internauta. Essa relação com as tecnologias vai além do uso de tais ferramentas, mas a partir dessa apropriação os Akwẽ-Xerente estão “reconstruindo suas identidades tecnologicamente”, visto que “as especificidades das tecnologias comunicativas produzem intensas transformações para os sujeitos” (Pereira 2008: 298) e criam novos ambientes ou territórios.

Considerações Finais

Quando retornava de mais um dia de pesquisa nas aldeias Salto e Porteira, parei o carro em que eu estava, olhei para dentro da mata e avistei uma luz, que junto com a lua clareava o cerrado tocantinense ou, sendo mais específico, a terra Xerente. Era a luz da energia elétrica e de tantos outros aparatos tecnológicos. Dei-me conta que a nossa história não teria um fim, como tantas etnografias, justamente porque os processos tecnológicos nos mostram diariamente que haverá sempre novas e surpreendentes tecnologias e, conseqüentemente, outras histórias a serem construídas com o passar do tempo e o advento da modernidade.

A história das tecnologias nas aldeias Akwẽ-Xerente nos revela ainda um ecossistema da comunicação a ser explorado, numa relação entre os fluxos de interação social e as tecnologias. Aqui, uma narrativa indígena, como muitas, que por vezes é esquecida, silenciada ou negada pela sociedade envolvente. Mas aqui documentada, nas vozes de quem realmente constrói e vive essa dinâmica social e cultural.

Esta pesquisa revela que não é apenas o acesso às tecnologias de comunicação e informação, porquanto há ainda um nítido processo de interação com a sociedade envolvente ou não indígena, resignificando suas tradições diante das tecnologias, paralelo à manutenção de suas tradições culturais próprias, tais como o *Dasĩpe*²⁹, corrida de tora, pinturas corporais, a língua akwẽ e tantas outras expressões culturais próprias.

28 Como pontua Recuero (2009: 26), “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”.

29 O *Dasĩpe* é o mais conhecido ritual pela sociedade envolvente e mais importante para os Xerente, que acontece frequentemente entre os meses de julho e agosto, no qual as crianças recebem seus nomes na língua akwẽ. “Para cada criança um nome, um canto e uma dança” (Barroso 2016: 80).



Figura 3: Xerente conectado na aldeia Salto.
Fonte: Elvio Marques (2017).

Referências

ANJOS, Ana Carolina Costa dos; FRAGA, Camila Komatsuzaki; NILO, Adriana Tigre Lacerda. 2010. "A Cultura Xerente e a Influência da Mídia no Redimensionamento dos Contextos Interativos na Aldeia Porteira no Tocantins". In: *XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*, Goiânia.

BARROSO, Lidia Soraya Liberato. 2016. "As pequenas pegadas na história dos senhores do mundo: as crianças Akwe". In: M. Machado (org.), *Cultura e História dos Povos Indígenas – Formação, Direitos e Conhecimento Antropológico*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.

BARTH, Frederick. 1976. *Los Grupos étnicos e sus fronteras: la organización social de las diferencias culturales*. México: Fondo de La Cultura Económica.

DEMARCHI, André Luis Campanha. 2014. *Kukràdjà Nhipêjx: Fazendo Cultura. Beleza, Ritual e Políticas da Visualidade entre os Mebêngôkre – Kayapó*. Tese de Doutorado. PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete da Silva. [2004?]. *O digitalnativo: a presença indígena na rede*. Disponível em <<http://docplayer.com.br/15390877-O-digitalnativo-a-presenca-indigena-na-rede.html>>.

DSEI-TO. 2017. *Distrito Especial Sanitário Indígena do Tocantins*. Sistema de Informação Interna. Dados sobre os Xerente.

FLICK, Uwe. 1995. *Qualitative Forschung: Theorie, Methoden, Anwendung in Psychologie und Sozialwissenschaften*. Reinbek: Rowohlt.

GONÇALVES, Marco Antonio. 2010. "Zonas de Contato: quando 'cultura' se torna um conceito nativo (Os índios na contemporaneidade)". In: M. A. Gonçalves, *Traduzir o outro: etnografia e semelhança*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. 2009. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.

LEMOS, André. 1997. *Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Logos. 4(6): 1-5.

_____. 2005. "Ciber-Cultura-Remix". In: *Cinético Digital*, São Paulo.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. 2010. *O Futuro da Internet: em direção a uma Ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus.

LÉVY, Pierre. 1999. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril.

MARINHO, Leilane Leal. 2016. *O Krahô na rede e a Associação Centro Cultural Kàjre*. Dissertação de mestrado. PPGCiamb, Universidade Federal do Tocantins.

MELO, Valéria M. C. 2016. *O movimento do mundo: Cosmologia, alteração e xamanismo entre os Akwê-Xerente*. Tese de doutorado. PPGAS, Universidade Federal do Amazonas.

MESQUITA, Rodrigo. 2009. *Empréstimos linguísticos do português em Xerente Akwe*. Dissertação de mestrado. PPGLL, Universidade Federal de Goiás.

MILHOMEM, Maria Santana F. dos Santos. 2011. *Enfoques de gênero no contexto indígena Xerente: algumas constatações*. Caderno Espaço Feminino, 24(1): 103-121.

NILO, Adriana Tigre Lacerda. 2010. "A mídia como fator de redimensionamento das tradições indígenas e construção da memória da cultura Xerente - uma análise da aldeia Porteira". In: *I Encontro de História da Mídia da Região Norte*, Palmas.

PAIXÃO, Cláudio Chaves; NILO, Adriana Tigre Lacerda. 2013. "A audiência televisiva entre os índios Xerente da aldeia Porteira". In: *9º Seminário de Iniciação Científica da Universidade Federal do Tocantins*, Palmas.

PEREIRA, Eliete da Silva. 2007. *Ciborgues Indígen@as.br: a presença nativa no ciberespaço*. Dissertação de Mestrado. PPGECsA, Universidade de Brasília.

_____. 2008. "Ciborgues indigen@s.br: entre a atuação nativa no ciberespaço e as (re)elaborações étnicas indígenas digitais". In: *II Simpósio Nacional da ABCiber*, São Paulo.

_____. 2013. *O local digital das culturas: as interações entre culturas, mídias digitais e territórios*. Tese de doutorado. PPGCOM-ECA, Universidade de São Paulo.

RECUERO, Raquel da Cunha. 2009. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.

SÁNCHEZ, Waldo Lao Fuentes. 2015. "O movimento zapatista: na construção da sua

autonomia". *Diversitas*, 3(4): 224-251.

SAHLINS, Marshall. 1997. *O 'pessimismo sentimental' é a experiência etnográfica: por que a cultura não é um 'objeto' em via de extinção*. *Mana*, 3(1): 41-73.

SCHROEDER, Ivo. 2010. "Os Xerente: estrutura, história e política". In: *Sociedade e Cultura*, 13(1): 67-78.

THOMPSON, John B. 2008. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes.

TORRES, Juliana Cutolo. 2008. "Cyborgcracia: entre gestão digital dos territórios e redes sociais digitais". In: M. Di Felice (org.), *Do Público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora.

WOLTON, Dominique. 2004. *Pensar a comunicação*. Brasília: Editora UNB.

Entrevistas

Delsa Xerente: depoimento. [nov. 2017]. Entrevistador: Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior: UFT, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa @kwẽ-Xerente: A resignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook, do mestrado de Comunicação e Sociedade.

Eliene Hírêki Xerente: depoimento [jul. 2017]. Entrevistador: Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior: UFT, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa @kwẽ-Xerente: A resignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook, do mestrado de Comunicação e Sociedade.

Guenter Carlos Krieger: depoimento. [jul. 2017]. Entrevistador: Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior: UFT, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa @kwẽ-Xerente: A resignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook, do mestrado de Comunicação e Sociedade.

Manoel Moreno Xerente: depoimento. [mar. 2018]. Entrevistador: Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior: UFT, 2018. Entrevista concedida para a pesquisa @kwẽ-Xerente: A resignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook, do mestrado de Comunicação e Sociedade.

Rairan Warde Xerente: depoimento. [mai. 2018]. Entrevistador: Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior: UFT, 2018. Entrevista concedida para a pesquisa @kwẽ-Xerente: A resignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook, do mestrado de Comunicação e Sociedade.

Sonzé Xerente: depoimento. [jul. 2017]. Entrevistador: Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior: UFT, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa @kwẽ-Xerente: A resignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook, do mestrado de Comunicação e Sociedade.

Tiago Xerente: depoimento. [jan. 2018]. Entrevistador: Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior: UFT, 2018. Entrevista concedida para a pesquisa @kwê-Xerente: A ressignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook, do mestrado de Comunicação e Sociedade.

Valci Xerente: depoimento. [jan 2018]. Entrevistador: Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior: UFT, 2018. Entrevista concedida para a pesquisa @kwê-Xerente: A ressignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook, do mestrado de Comunicação e Sociedade.

Valdeciano Kasumã Xerente: depoimento. [jul. 2017]. Entrevistador: Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior: UFT, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa @kwê-Xerente: A ressignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook, do mestrado de Comunicação e Sociedade.

Recebido em: 26 de março de 2019.

Aceito em: 04 de outubro de 2019.